

## Movimentos cobram respostas à carta ao povo brasileiro

Mais de 10 mil brasileiros participaram nesta terça-feira (16) de ato público em defesa da ética na política, contra a corrupção e por mudanças nos rumos da economia. UNE, CUT e MST, participantes da CMS, que promoveu a manifestação, mantêm apoio ao governo do presidente Lula.

O ato da Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS) contra a corrupção e por mudanças na economia nesta terça (16) foi o esperado. Segundo levantamentos, o número de participantes variou de 10 mil e 20 mil pessoas, a depender da fonte informativa. O público era formado basicamente por estudantes (ligados à UNE e à Ubes), sindicalistas ligados à CUT e integrantes dos movimentos da marcha pela reforma urbana, tendo ainda a participação, em menor escala, de militantes do MST.



Para "dar os recados" aos políticos, a manifestação foi ao Ministério da Fazenda e ao Congresso Nacional. Na pauta, os sete pontos da Carta aos Brasileiros, documento lançado em junho e assinado por mais de 100 entidades. Nas falas dos dirigentes no carro de som, principalmente das lideranças da CUT e da UNE, a ênfase foi dada à tríade do combate à corrupção, reforma política e mudanças na política econômica. A crítica à política de alianças do governo, presente na Carta aos Brasileiros e feita no início da crise, parece ter perdido importância, uma vez que foi pouco ou nada citada no ato hoje.

Em frente ao prédio cujo último andar é ocupado por Antônio Palocci, os dirigentes dos movimentos reproduziram as já conhecidas críticas à política macroeconômica do governo Lula. "O orçamento apresentado pela fazenda e pelo planejamento para o ano que vem é uma vergonha. Não é possível garantir recursos para áreas estratégicas como saúde, educação, moradia, trabalho e reforma agrária com o arrocho fiscal promovido pela equipe econômica", criticou o presidente da UNE, Gustavo Petta.

"Não queremos superávit, queremos alocação de recursos para políticas sociais, para a educação e para o saneamento", pediu Antônio Carlos Spis, da CUT. "Com juros deste tamanho não é possível atender às necessidades do povo brasileiro. Mas só as do mercado financeiro", completou João Paulo Rodrigues, do MST.



O presidente da CUT, João Felício, aumentou o coro contra a política econômica, os juros altos, o superávit primário e o salário mínimo baixo. Mas foi contrário o valor de R\$ 384 aprovado no senado a partir de uma proposta da oposição. "Não queremos demagogia. Mais que um valor defendido por motivação de disputa política, queremos uma política de recuperação a longo prazo", disse Felício.

Em frente ao Congresso, os integrantes dos movimentos bateram forte na necessidade de uma reforma política para "ir à raiz" do problema da corrupção no Brasil. O ponto mais citado foi o financiamento público de campanha, medida que acabaria com a "compra de mandatos" decorrente do financiamento privado. "Em vista do que se perde de dinheiro com o financiamento privado de campanha, seria cafezinho bancar o financiamento público", afirmou Gustavo Petta.

Uma das principais preocupações dos movimentos para o ato era não colocá-lo como uma atividade pró-Lula. Ontem, João Paulo Rodrigues, da Coordenação Nacional do MST, fez questão de ressaltar durante coletiva de lançamento do ato que ele não seria "nem contra e nem a favor do impeachment, isso é uma pauta da mídia e das elites".

Mas não faltaram defesas empolgadas de Lula por parte dos dirigentes, principalmente da CUT, da UNE e da Ubes. "Somos contra o afastamento do presidente. Não acreditamos que vai aparecer algo que o envolva. Temos confiança por que nós o conhecemos", disse João Felício, presidente da CUT.

Apesar de sustentar que uma possível queda de Lula agora seria um retrocesso para a esquerda, os movimentos fizeram questão de reforçar a necessidade de o governo dar respostas às reivindicações gerais presentes na carta aos brasileiros e às específicas de cada organização.

"O Lula precisa entender mais do que nunca que os setores querem derrubá-lo, só há uma divergência tática, ou agora ou em 2006. Para ele ter o apoio consistente e sólido dos movimentos sociais e da sociedade brasileira ele precisa sinalizar alterações na política macro econômica. O Lula corre o risco de ficar isolado, enfraquecido e agonizar até 2006 se não se aproximar mais do projeto original que o elegeu em 2002", disse Gustavo Petta, da UNE.

O 3o vice-presidente do PT, Valter Pomar, representando a sigla fez uma fala marcada por uma autocrítica. "O PT tem débito com os movimentos sociais. Nestes dois anos e meio, ele se distanciou ainda mais dos movimentos. E agora, apesar da crise, os movimentos sociais mostram que têm consciência de classe, sabem qual de que lado estão", disse Pomar, que também é candidato à presidência nacional do PT. Ele informou que o PT aprovou na sua executiva o apoio à atividade por unanimidade e que isso "no fundo expressa o apoio do partido às bandeiras do ato". Estava prevista a presença do presidente da sigla, Tarso Genro, que não apareceu. Falaram também os representantes do PC do B e do PSB.

### Próximos passos

A avaliação feita pelo presidente da UNE é que o ato não conseguiu mobilizar muitas pessoas de outros estados, mas que teve boa representação. Para levar as reivindicações a outros cantos do país, a CMS prepara uma série de atividades em diversas capitais. No dia 25 será a vez de Salvador, e no 26 os movimentos ocupam a capital paulista. A idéia é capilarizar a análise que a CMS faz da crise e as propostas para sair dela. Somente ampliando as mobilizações é que a Coordenação vê possibilidade de pressionar o governo para que cumpra a carta ao povo brasileiro e as reivindicações contidas nela.

A CMS é composta por entidades como a Confederação Nacional de Associações de Moradores (Conam), Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLN), Central Única dos Trabalhadores (CUT), Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Marcha Mundial das Mulheres (MMM), União Nacional dos Estudantes (UNE), União Nacional por Moradia Popular (UNMP), Central de Movimentos Populares (CMP), União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes) e Pastoral da Terra, entre outras. (*Carta Maior, 16.08.2005*)

## CMS reafirma ao presidente necessidade de mudança

Em audiência com o presidente Lula, no Palácio do Planalto, em Brasília, na noite desta terça-feira (16), a Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS) reafirmou a necessidade de mudança da política econômica. A audiência, que durou duas horas e meia, contou com a presença do secretário-geral da presidência, Luiz Dulci; dos ministros do Trabalho, Luiz Marinho; da Educação, Fernando Haddad; do Desenvolvimento Social, Patrus Ananias e do assessor especial José Graziano.

Falaram em nome da CMS o secretário nacional de Comunicação da CUT, Antonio Carlos Spis, coordenador da manifestação na Esplanada dos Ministérios; o presidente da CUT, João Antonio Felício; o presidente da UNE, Gustavo Petta; e o coordenador do MST, José Valdir. Ambos reafirmaram a necessidade de uma resposta do governo às reivindicações expressas na Carta do Povo Brasileiro.

"Reapresentamos nossas propostas de mudanças na política econômica, com ênfase na redução dos juros e do superávit primário, e explicitamos nossa divergência com a postura adotada pelo Banco Central e pelo Ministério da Fazenda. Pedimos ao presidente que sinalize para os movimentos sociais com a adoção de medidas concretas, pois as altas taxas de juros têm sido o principal problema para alcançarmos um desenvolvimento sustentado", declarou João Felício, frisando que "esta é uma questão de honra".

**Crescimento** - De acordo com o presidente da CUT, "a política econômica ortodoxa faz uma gestão muito conservadora. O superávit primário elevado tira a capacidade de investimento do Estado brasileiro e segura o crescimento". No entendimento da CUT, o Brasil deve romper com esse ciclo vicioso e ter como meta crescer anualmente pelo menos 5 a 6%.

"Precisamos de empregos para a imensa massa de jovens que chega todos os anos ao mercado de trabalho e garantir uma política de reposição para o salário mínimo que, no nosso entender, é o instrumento fundamental de redistribuição de renda em nosso país", ressaltou.

**Avanços** - O presidente da CUT declarou que não se trata de traçar um paralelo entre as realizações do governo Lula com as do desgoverno FHC, já que "comparar com o governo passado é comparar com o inferno". "Podemos pegar qualquer área: agricultura familiar, postos de trabalho, salário mínimo, vagas na universidade pública... A questão não é essa. Nosso compromisso é pressionar o governo para avançar dentro de um projeto nacional de desenvolvimento", acrescentou.

Em relação ao atual momento político, João Felício relatou que o presidente Lula "está muito tranquilo", e que ele foi "categórico" ao afirmar que sua figura não será atingida pelas denúncias de corrupção.

"De nossa parte, reafirmamos nosso total apoio ao processo de apuração e à punição dos culpados".

**Barrar o golpe** - Condenando a tentativa golpista movida pela direita, com o apoio de setores da mídia, do PSDB e do PFL, o líder cutista defendeu a Reforma Política: "Não aceitamos essa dinheirama que tem desvirtuado a vida política brasileira. Faremos pressão sobre o Congresso Nacional para que aprove o financiamento público de campanha e a fidelidade partidária".

A suja campanha para desestabilizar o presidente tenta ainda descaracterizar a independência e autonomia dos movimentos sociais, denunciou João Felício, alertando que para esse jogo "se unem a direita desavergonhada e o esquerdismo infantil". "A imprensa acha natural entidades empresariais como a Fiesp e a Firjan ou a Rede Globo firmarem convênios com o governo, já que os benefícios sempre foram dirigidas para privilegiar estes segmentos. Quanto às entidades populares, somos os feios, sujos e malvados. Não aceitamos isso. Tal preconceito só demonstra o óbvio: que a luta de classes não acabou".

**Negociação** - Conforme relatou o presidente da CUT, ficou acertada para breve uma reunião da direção da CMS com a equipe econômica do governo, a fim de debater as reivindicações da Carta. Enquanto isso, várias manifestações da CMS estão marcadas e prometem aumentar a pressão por mudanças: dia 25, em Salvador, e 26, em São Paulo. (*CUT Notícias, 17.08.2005*)

## **Sindicatos dos EUA ameaçam parar a Gerdau**

**Mais de 800 funcionários de três fábricas podem paralisar atividades como forma de garantir direitos trabalhistas**

No porão de uma associação para veteranos de guerras no exterior, em Saint Paul (Minnesota), 25 sindicalistas traçaram na semana que passou sua estratégia para o primeiro combate em décadas entre uma multinacional brasileira e trabalhadores estrangeiros em solo norte-americano.

O alvo é a Gerdau, uma das maiores siderúrgicas brasileiras. A empresa trava duras negociações em três de suas cinco unidades controladas por sindicatos nos Estados Unidos.

Em uma, no Texas, a companhia impôs um locaute -ação de uma empresa para impedir o acesso dos empregados ao local de trabalho- aos trabalhadores desde o final de maio, quando chegou a um impasse na renegociação contratual.

Na quinta-feira passada, os funcionários de outra unidade, em Minnesota, deram à comissão negociadora poder para convocar uma greve, em um passo que aumenta o poder de barganha do sindicato. E, em Iowa, o prazo para um acordo vence em setembro, com pouquíssimos avanços.

Os líderes dos sindicatos dessas três fábricas contavam-se entre as 25 pessoas reunidas na quinta e na sexta-feira. Além de norte-americanos e canadenses, havia também dois brasileiros, Fernando Lopes, da CUT (Central Única dos Trabalhadores), e Nair Goulart, da Força Sindical.

"Normalmente nós viajávamos para buscar ajuda contra as multinacionais. Esta é primeira vez que viajamos para prestar solidariedade", disse Lopes, que trabalha há 18 anos na Gerdau no Brasil e é licenciado para dedicar-se à atividade sindical.

Os sindicalistas norte-americanos ameaçam parar os mais de 800 funcionários das três plantas. "Eles correm o risco de ficar sem produção nas três fábricas. Não é o que queremos, mas é isso que faremos se for necessário", afirmou na sexta-feira o principal negociador pelos metalúrgicos, Bernie Kleiman. A empresa vê a possibilidade como pouco provável (leia texto abaixo).

### **"Posição única"**

Diante de uma platéia de metalúrgicos de bigodes, bonés e feições de dúvida, oradores afirmavam na quinta-feira que aquele era um momento "histórico". "Estamos em uma posição em que nunca estivemos, e eles querem tirar tudo o que temos, o que, francamente, já não é muito", disse Doug Niehouse, diretor-assistente da USW (United Steelworkers, central de metalúrgicos).

O caso que uniu sindicatos norte-americanos e brasileiros começou em novembro do ano passado, quando a Gerdau Ameristeel, uma subsidiária do grupo brasileiro, comprou as quatro unidades da

North Star Steel, que era do grupo Cargill. Os acordos começaram a vencer em meados deste ano, e os trabalhadores acusam a empresa de ser ainda mais dura que os antecessores.

"Eles estão rumando para um desastre. Atacam quase todos os pontos do acordo, menos aqueles sobre barras nas janelas e bolas de ferro nos pés", disse Mike Wodaszewski, presidente do sindicato dos metalúrgicos de Saint Paul. Pete Savoy, líder dos metalúrgicos da fábrica que sofre com o locaute, em Beaumont, no Texas, diz que "antes os novos patrões queriam tirar algumas coisas, agora querem quebrar a gente".

Uma declaração do presidente da Gerdau Ameristeel, o norte-americano Phillip Casey, em um encontro setorial, impulsionou a união dos sindicatos e o protesto dos metalúrgicos. De acordo com uma publicação especializada, o executivo disse que benefícios como férias pagas, planos de saúde e aposentadorias são um "fardo" para empresas que querem competir globalmente. A empresa é a quarta maior metalúrgica dos EUA e teve lucro de US\$ 337,7 milhões em 2004.

Os funcionários acusam a Gerdau Ameristeel de retirar direitos garantidos pelo acordo anterior, como o seguro-saúde de aposentados, e reduzir em até 30% o dinheiro das férias.

#### Empresa diz que meta é obter acordo rápido

Diretor de recursos humanos da Gerdau Ameristeel e membro dos comitês de negociação de Beaumont e de Saint Paul, Phillip Bell afirma que a empresa está "negociando de boa-fé" e que espera chegar a um acordo o mais rápido possível com os trabalhadores.

O executivo considera muito improvável uma paralisação simultânea das três fábricas (Texas, Minnesota e Iowa) e diz que houve avanços nas últimas semanas.

Bell afirma, no entanto, que a empresa vai continuar a negociar separadamente com cada uma de suas unidades, porque é assim que determina a lei norte-americana e esse é o modo mais justo para os funcionários.

Em sua opinião, os sindicatos têm todo o direito de se comunicar e articular, mas as negociações seguirão de modo isolado.

Em relação ao locaute, considerado ilegal por alguns sindicalistas, o diretor afirma que a Gerdau exerceu seu direito ao decretar a medida, desde o final de maio, na fábrica de Beaumont.

"Estávamos negociando havia quatro meses, com muito pouco progresso. E nessa fábrica eles têm um histórico de negociações difíceis. Com os donos anteriores [do grupo Cargill], as negociações se arrastaram por quase dois anos", disse Bell.

#### Contatos com o Brasil

Ao todo, a Gerdau Ameristeel possui 11 fábricas nos Estados Unidos e três no Canadá. Além das quatro unidades que antes pertenciam à North Star Steel, do grupo Cargill, existe mais uma fábrica ligada a sindicatos nos Estados Unidos. As três em solo canadense também têm trabalhadores sindicalizados.

"Recentemente, tivemos um acordo de quatro anos em Ontário, no Canadá, em tempo, e esperamos que isso aconteça também nas outras unidades do grupo", afirmou Bell.

O diretor rechaçou uma das hipóteses levantadas pelos sindicalistas, de que a Gerdau brasileira não estivesse a par das negociações nos Estados Unidos.

"Estamos em contato constante com o Brasil e eles sabem exatamente o que está se passando aqui", disse Bell, por telefone, de Tampa (Flórida). "A Gerdau tem uma reputação global de lidar de modo justo com seus empregados." (PDL)

#### Negociação une sindicalistas dos EUA e do Brasil

A reunião que terminou anteontem em Saint Paul é apenas um dos passos da aliança entre sindicalistas brasileiros e norte-americanos na disputa contra a Gerdau nos EUA.

Ontem, o grupo foi para a fábrica de Beaumont (Texas), que está em locaute, para participar de manifestações e piquetes até terça-feira, quando retorna ao Brasil. No dia 26, são os norte-americanos que viajam a São Paulo e a Porto Alegre para reuniões com sindicatos brasileiros. No início de setembro, deve haver uma reunião com todos os representantes dos trabalhadores.

A empresa é conhecida no Brasil por ter uma boa relação com os trabalhadores e se orgulha de nunca ter enfrentado greve em muitos anos. Uma das esperanças dos sindicalistas, principalmente dos norte-americanos, é que a direção da companhia não saiba o que se passa exatamente nos EUA -o que já foi negado pelo comando da empresa em Tampa.

"Disseram para eles [a direção da empresa no Brasil] que esse é o modo de negociação nos EUA, mas não é. O comando da empresa aqui não é muito amigável com os pleitos dos trabalhadores", afirmou Bernie Kleiman, moderador dos encontros em Minnesota. (Pedro Dias Leite, Enviado especial a Minnesota) (*Folha de São Paulo*, 14.08.2005)



## **FITIM condena lei colombiana**

A FITIM, a Federação Internacional dos Metalúrgicos escreveu ao presidente da Colômbia, Álvaro Uribe, instando-o a vetar o projeto de lei "Justicia y Paz" que foi aprovado pelo Congresso em junho de 2005. Se isso não acontecer e o projeto entrar em vigor, os crimes de lesa humanidade e outras graves violações dos direitos humanos cometidos naquele país andino vão ficar impunes.

A FITIM está pedindo ao presidente colombiano que veto o projeto para que o órgão legislativo possa ajustar o texto às leis internacionais de defesa dos direitos humanos. No seu 31º Congresso Mundial, realizado em maio deste ano na Áustria, a FITIM adotou uma resolução sobre a Colômbia na qual ficou estabelecido que o movimento sindical internacional prestaria sua solidariedade à Colômbia. A CNM/CUT enviou correspondência ao governo colombiano reforçando a solicitação da FITIM.

Essa nossa obrigação de solidariedade se reforça diante da presença de empresas brasileiras naquele país, como mostra a notícia abaixo.

## **Gerdau quer o controle de siderúrgica na Colômbia**

O grupo Gerdau vai realizar hoje uma oferta pública para a aquisição de 10,72% das ações da siderúrgica colombiana Diaco, empresa da qual a Gerdau se tornou acionista em dezembro de 2004. Com a operação, a siderúrgica brasileira deverá assumir o controle da Diaco. Atualmente, a Gerdau possui 42,03% de participação. Com a transação, este percentual subiria para 52,75%.

A oferta será realizada na Bolsa de Valores da Colômbia (BVC) por meio do Banistmo Capital Market Group, que espera adquirir as ações por cerca de 32,23 bilhões de pesos (cerca de US\$ 14 milhões). A transação será para os acionistas que não compareceram à assembléia da Diaco de 28 de março de 2005 e para os que não concordaram com a decisão de cancelar a inscrição da ação da empresa no Registro Nacional de Valores e Intermediários e na BVC, de acordo com o estabelecido pela Superintendência de Valores.

Além da Diaco, o grupo Gerdau, maior fabricante de aços longos do continente americano, possui participação na colombiana Sidelpa (Siderúrgica do Pacífico). A siderúrgica assinou em dezembro de 2004 um acordo para tornar-se acionista das duas empresas colombianas, num processo de aquisição escalonada das participações do grupo Mayagüez e da The Latinamerican Enterprise Steel Holding, detentores do controle majoritário das duas companhias, que são avaliadas em US\$ 130 milhões.

A Diaco e a Sidelpa faturam, juntas, US\$ 180 milhões por ano, vendem cerca de 400 mil toneladas anuais e possuem participação de 45% no mercado colombiano de aços longos. Na América do Sul, a Gerdau também possui usinas no Chile (Gerdau ASA) e Uruguai (Gerdau Laisa), além de participação de 38,2% da Sipar Laminación de Aceros, na Argentina.

O lucro líquido do grupo alcançou R\$ 1,7 bilhão no primeiro semestre, montante 32% superior aos R\$ 1,3 bilhão de igual período do ano anterior. O faturamento cresceu 18,6% e atingiu R\$ 13,4 bilhões. Desse total, as operações no Brasil responderam por 52% (R\$ 7 bilhões), na América do Norte por 43,3% (R\$ 5,8 bilhões) e as da Argentina, Chile e Uruguai por 4,7% (R\$ 623,1 milhões). As vendas do grupo na América do Sul aumentaram 16% e somaram 278,2 mil toneladas nos seis primeiros meses do ano. Nesse período, a siderúrgica gaúcha investiu US\$ 12,7 milhões na região.

O interesse da Gerdau em relação à Colômbia deve-se ao enorme potencial de crescimento do consumo por produtos siderúrgicos. A demanda de aço per capita do país atinge 56 quilos por habitante, uma das menores da América Latina. No Brasil, por exemplo, o consumo alcança 105 quilos por habitante e, nos EUA, atinge 401 quilos por habitante.

A Colômbia produziu cerca de 700 mil toneladas de aço em 2004, segundo o Instituto Latino-Americano de Ferro e Aço (Ilafa). O País consome, entretanto, cerca de 1,8 milhão de toneladas, o que resulta em um déficit de cerca de 1 milhão de toneladas, que são importadas. A Colômbia precisa importar cerca de 300 mil toneladas anuais de aços longos.

A companhia anunciou uma nova estrutura operacional e societária do grupo na América do Sul, que entrou em vigor desde o dia 1 de agosto e que culminou com a criação de cinco novas empresas, entre elas a Gerdau América do Sul Participações, que engloba os negócios da Gerdau no Chile, Uruguai, Argentina e Colômbia.

A Gerdau tem capacidade instalada para produzir 16,4 milhões de toneladas de aço por ano. (Gustavo Viana e EFE) (*Gazeta Mercantil*, 17.08.2005)

**CNM-Internacional** é um informativo da Secretaria de Relações Internacionais da Confederação Nacional dos Metalúrgicos – **CNM-CUT**, editado pela Consultoria Econômica e Social Integrada  
Secretário Geral da **CNM** : Fernando Lopes  
Jornalista Responsável : Antonio Carlos Castro (MTb 36.741/SP)  
[internacional@cnmcut.org](mailto:internacional@cnmcut.org) <http://www.cnmcut.org.br>